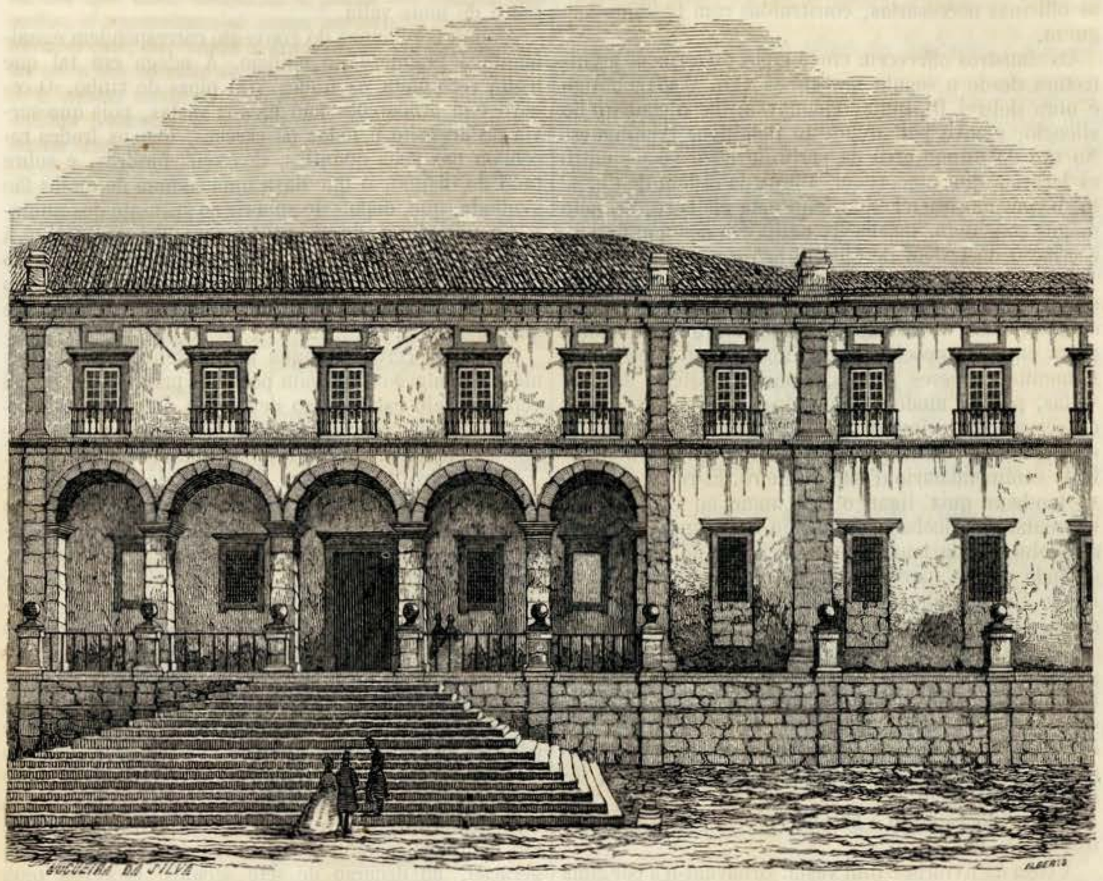


Portaria do mosteiro de Alcobaça

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE ALCOBAÇA

(Conclusão. Vid. pag. 194)

V

O EDIFICIO DO MOSTEIRO

A fachada geral do edificio, mosteiro e egreja, tem 221 metros de comprimento. A praça para onde deita esta fachada é guarnecida de casas da povoação, de lojas e primeiro andar, em perfeito alinhamento. Outra frente do mosteiro cae sobre a estrada real que conduz ao Porto, passando pela Batalha, Leiria, Pombal, Coimbra, e mais terras da Beira. Esta frente é muito mais alta do que a principal em consequencia do declive do terreno. É muito extensa, porém não sabemos a medida do seu comprimento.

Os dois corpos do mosteiro, que flanqueam a egreja, são eguaes em architectura, porém, como a praça tambem tem algum declive, o que se estende para o lado de oeste, e fórma o angulo para a referida estrada real, é mais elevado que o outro, correndo-lhe junto do envasamento um passeio de lagedo com seu sócco, outr'ora todo guarnecido de grades de ferro, que pela maior parte tem desapparecido, ficando os pedestaes de pedra, que a espaços as separavam.

É n'este corpo que se acha a portaria, ou entrada principal do mosteiro. Não é necessario descrevel-a, nem ao convento, porque os representa com bastante exactidão a gravura que hoje publicâmos, e a que acompanha a primeira parte d'este artigo. Bastará dizer que tem cada um dos dois corpos no andar nobre 17 janellas de sacada, e que o corpo do lado de léste remata em uma arcada, tambem de cinco arcos, como a de oeste, mas sem escadarias para a praça. As duas fachadas foram reedificadas nos seculos XVII e XVIII.

Compõe-se o mosteiro de sete dormitorios, das hospedarias, do noviciado, cinco claustros, sete capellas, casa do capitulo, casa da livraria, e muitas outras officinas.

Os dormitorios foram feitos, um por el-rei D. Affonso Henriques, o qual tem tido diversas reedificações; outro pelo cardeal rei D. Henrique; outro por el-rei D. Affonso VI; o das enfermarias, obra do mesmo soberano; e os tres restantes á custa da ordem.

As hospedarias foram edificadas e reconstruidas em differentes epochas, ora por impulso real, ora por iniciativa dos abbades. É um edificio de 52 metros de comprimento, bem construido, e contendo uma capella, muitas salas e quartos, outr'ora adornadas com magnificencia relativamente aos tempos. Entre os ornatos viam-se estatuas dos nossos reis, e muitos quadros de pintura antiga. Era n'estes paços que se aposentavam os soberanos, principes e pessoas notaveis, que visitaram o mosteiro em tempo dos frades. A rainha D. Maria Sophia de Neubourg, segunda mulher del-rei D. Pedro II, e a rainha de Inglaterra, D. Catharina, então viuva do rei Carlos II, e filha do nosso rei D. João IV, gostavam tanto d'estes paços, que, residindo

n'elles, diziam muitas vezes não terem saudades do palacio da Corte Real. [1]

O noviciado era de per si um convento, pois tinha dois grandes dormitorios, excellente capella e todas as officinas necessarias, construidas com bastante largueza.

Os claustros offerecem cinco typos diversos de architectura desde o seculo XIII até ao XVII. O mais antigo é obra del-rei D. Diniz; chamavam-lhe o claustro do silencio, e teve por architecto Domingos Domingues. No vão do ultimo arco da parte de léste vê-se, entre as laçarias que o adornam, a cruz da ordem de Christo, o que mostra ter sido feito este claustro, ou pelo menos concluido, depois da extincção dos templarios, e criação da ordem de Christo pelo mesmo soberano. Posto que se ache bastantemente estragado, ainda assim é muito digno de attenção e de apreço, porque deixa ajuizar do estado da architectura e da esculptura em uma epocha de que nos restam poucos monumentos, e esses poucos, como o mosteiro de Odivellas, por tal modo desfigurados, que raros vestigios conservam da primeira fundação. Outro claustro foi edificado pelo cardeal infante D. Henrique, sendo abbade commendatario d'este mosteiro. El-rei D. Affonso VI tambem quiz ligar o seu nome ao edificio monumental de Alcobaça, fundando um claustro; porém a revolução palaciana, que o precipitou do throno para o fundo de um carcere, não lhe consentiu que o acabasse. Os dois claustros, que faltam para a conta dos cinco, foram fabricados a expensas da ordem.

As seis capellas estão distribuidas da maneira seguinte: uma no claustro do meio; outra no paço das hospedarias; duas nos dormitorios de cima; duas nos dormitorios de baixo, onde havia uma enfermaria para os religiosos arrabidos do convento da Magdalena, do qual era padroeiro o mosteiro de Alcobaça; e a setima no noviciado.

A casa do capitulo é grande, porém é mui baixa, e tem pouca luz.

A casa da livraria é mui vasta. Ornavam-n'a por cima das estantes, até 1834, muitos quadros a oleo, laminas, e figuras de alabastro, que a faziam bella e apparatosa. Encerrava até áquella data uma copiosa collecção de livros impressos; mas a sua maior riqueza consistia nos manuscriptos, muito importantes para a historia de Portugal. Estes preciosos codices, segundo o catalogo impresso no anno de 1775, excediam o numero de 400. Havia uma livraria especial das obras dos santos padres e expositores antiquissimos, na qual se encontravam muitos livros raros. Em tudo isto houve, infelizmente, muitos extravios por occasião da extincção das ordens religiosas. O que escapou á rapina foi depositado e se conserva na bibliotheca nacional de Lisboa.

O cartorio do mosteiro tambem era muito importante para a historia, tanto da ordem como do paiz. Fr. Manuel dos Santos, monge d'este mosteiro, diz na sua «Alcobaça Illustrada», que o referido cartorio serviu de deposito dos papeis da corôa em quanto se não creou o Archivo Real da Torre do Tombo.

A cozinha é uma das melhores peças do edificio, e era celebrada em tempo dos frades em toda a provincia da Estremadura. É o seu comprimento 31 metros com 14 de altura. Atravessa-o pelo meio um rio, braço do Alcoa, ou Chaqueda, com o qual se lavava d'antes a cozinha, fazendo-o estender e correr sobre todo o pavimento lageado. Depois ia encher os grandes reservatorios, em que os frades tinham sempre muita variedade de peixes. A chaminé, de fórma pyramidal, descança sobre 8 columnas de ferro.

Guardava-se outr'ora n'esta cozinha um objecto muito apreciavel como antigualha, e mais ainda como tropheo das armas portuguezas. Era um enorme caldeirão de cobre, tomado entre os muitos despojos da batalha de Aljubarrota, do qual el-rei D. João I fez prezente ao mosteiro de Alcobaça. Desappareceu d'alli em 1834, como tantas outras coisas não menos curiosas e de mais valia.

As outras officinas do convento correspondem egualmente á grandeza do edificio. A adega era tal que n'ella recolhiam os frades 700 pipas de vinho. O celeiro tem proporções não menos vastas, pois que servia de deposito a todos os cereaes, que os frades recebiam das suas quantias, dos seus foreiros, e sobre tudo do dizimo, o que dava uma somma de moios tão avultada, que, depois de supprir ao sustento dos numerosos moradores do convento, monges e servos, e á distribuição diaria de pão cozido aos pobres, e em grão pelas aldeias d'aquelles coutos em certas epochas do anno, ficava annualmente um immenso remanescente que se vendia.

A grande cêrca contigua ao mosteiro, que os primeiros monges cultivavam por suas proprias mãos, foi vendida pelo estado logo depois da extincção das ordens, e é hoje propriedade particular. Corta-a o rio Chaqueda, ou Alcoa, que a rega dividido em dois braços.

O mosteiro de Alcobaça foi mandado conservar por um decreto da senhora D. Maria II, como monumento historico. Porém o governo apenas se limitou a impedir que progredisse a destruição por mãos dos homens, principiada em larga escala, quando, pela invasão franceza de 1810, lhe lançaram fogo á ala de léste da fachada principal, que ardeu toda, excepto as quatro janellas contiguas ao frontispicio da egreja. Para o salvar das injurias do tempo, e dos estragos do desamparo, nada ou quasi nada até hoje se tem feito. Alguns annos mais de incuria e desleixo, e esse venerando edificio, apesar da sua robusta construcção, será um monte de ruinas a accusar-nos de barbaros em meio da nossa pretendida civilisação!

E deixará o governo perecer assim um padrão de tão honradas memorias, um livro de pedra onde cada geração, no decurso de sete seculos, escreveu uma pagina da sua historia, ou desenhou alguma feição dos seus costumes, ou gravou algum passo dos seus progressos?

Não merecerá, pelo menos, este edificio monumental, que se consigne uma verba annual para a sua conservação e restauração, embora lenta, como se praticou com o mosteiro da Batalha?

Não seria bem estabelecido alli o albergue do trabalho? Por ora, em quanto escaceassem os meios, iria aninhar-se em um cantinho do edificio, como, nos tempos primitivos d'este, alli se aninhou o espirito religioso travado em intimo abraço com amor do trabalho. Depois, á maneira que lhe fossem acudindo recursos, estender-se-hia pouco a pouco por aquelles longos dormitorios, até os occupar completamente. Assim havia de succeder, e succederá á instituição, logo que, mais illustrados e moralisados, comprehendermos a sua alta significação.

Em um seculo em que a industria tem operado tantas maravilhas e tamanhas transformações, que promettem mudar inteiramente a face da terra, levando a civilisação ás mais extensas e reconditas regiões, o albergue do trabalho deverá ser, sem duvida, a primeira instituição caridosa d'esse seculo, e dos que se lhe seguirem, em quanto tiverem por divisa e por norte o progresso humanitario. Será a primeira na elevação da idéa e na grandeza do vulto.

E qual outra instituição de caridade lhe disputará competencias ante o throno do Creador, que impoz ao homem, expulsando-o do paraizo, o trabalho como castigo do seu primeiro peccado, e como crisol em que se lhe purificasse a alma? Qual se lhe avantajará aos olhos do Salvador, que assim glorificou o trabalho com a palavra e com o exemplo?

[1] Vid. a pag 182 do volume IV.

Se um dia se estabelecesse no mosteiro de Alcobaça o asylo dos invalidos do trabalho, ficaria salvo da ruina o monumento, pagava-se uma divida de honra aos que tanto honraram a patria nos tempos passados, e aproveitava-se como verdadeira riqueza publica o que, por inutil e desprezado, ameaça converter-se n'um montão de pedras quasi sem valor.

E assim teriamos plantado no coração do paiz o melhor estimulo á actividade dos portuguezes, e o maior incentivo aos futuros progressos de Portugal.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A MUSA DE ALEMQUER

(Conclusão. Vid. pag. 199)

— Pobre criança, ia eu pensando, como te has de sentir feliz um dia por poderes retirar-te na estalagem de teus paes!

Seis dias depois, o Gymnasio annunciou a sua estreia, n'uma comedia já esquecida hoje, a que eu nem sequer sei o titulo, e uma poesia recitada pela *debutante*. Sempre poesia, poesia para tudo; como reconheci n'isto a pobre Joanna! Fui ao theatro essa noite, para lhe consagrar um folhetim, e auxiliar no que eu podesse o exito da sua tentativa; tive lagrimas nos olhos, quando no palco lhe apertei a mão. Taborda disse-me:

— Ha de ser a musa que valha á actriz!

— Os versos são bonitos? — perguntei-lhe eu.

— Como ella!

— E de talento para a scena, tambem bonita?

— Como eu!

Ergueu-se o panno. A musa de Alemquer vestida de branco, com um lenço bordado e um *bouquet* na mão, fitou a platéa, e disse estes versos:

Sorriu-me entre flores a aurora da vida!
Saudou-a nas selvas plumoso cantor!
Em extase santo minha alma embebida
Sentiu lá no campo das artes o amor.

O campo! o theatro das glorias do Immenso!
Com verde scenario, que o sol vem doirar!
Onde, entre a folhagem do bosque mais denso,
As aves desprendem o alegre trinar!

Alli voz occulta fallou-me na mente!
«Caminha das artes á nobre missão!
«Que importam espinhos, martyrio pungente,
«Se as flores da gloria colhêres em botão!»

A voz inspirada cedeu a minha alma!
Na estrada das artes entrei com valor!
Porém na conquista do solio de Talma
Ha tantos vencidos, se ha um vencedor.

Embora! confio na vossa indulgencia!
Inflorem grinaldas a lugubre cruz!
Tem sombras medonhas da artista a existencia.
Que o sol dos applausos a inunde de luz!

A récita correu sem enthusiasmo, como succede a todas as representações de estreia em que a actriz nova não tem protectores na platéa. A sua vocação não a conduzia para o theatro; tinha talento de mais para o Gymnasio, e não estava apta para se aventurar ao theatro normal. Alcançou no Gymnasio uma escriptura mediocre. Fui continuando a ir visital-a: tinha desdenhado a sua realeza ephemera, tornei-me lisongeiro assiduo da sua decadencia. Vi a pouco e pouco aquellas duas mulheres escorregarem e caírem no abysmo da miseria. O theatro dava-lhe um beneficio, mas sem peça nova, e, já se vê, com um dos peores espectaculos do repertorio; ella não conhecia quasi ninguem: a quem passaria os bilhetes?

— Sua mãe está muito doente, Joanna! — disse-lhe eu uma vez.

Encheram-se-lhe os olhos de lagrimas, e não respondeu.

Uma occasião a mãe chamou-me de parte, e disse-me:

— Tenho visto que nos enganaram, fizemos uma doidice, ninguem imagina o que eu soffro. Que ha de fazer-se agora? O mais prudente seria voltar para Alemquer. José Mauricio e Maria receber-nos-hiam de braços abertos, mas a Joanna não consentirá. Tem orgulho, e não quererá expor-se a córar diante de José Mauricio, de sua irmã, e das mais pessoas da villa.

Ainda quiz ver se conseguia de Joanna alguma resolução, mas foi debalde.

— A nossa posição não é agora tão má como isso. Está longe do que eu contei, mas somos menos dignas de lastima do que pensa. De mais a mais a lucta é necessaria ao talento. Não é na atmosphera morna da prosperidade que se realisam as grandes obras.

A pobre rapariga estava ainda n'essas idéas: retirei-me consternado.

José Mauricio n'este meio tempo casára com Maria. Nenhum d'elles suppunha o que se passava em Lisboa. Tomei eu o partido, sem Joanna nem a mãe o saberem, de escrever a José Mauricio a verdade toda. O bom do rapaz não respondeu, veiu em pessoa; chegou com as algibeiras cheias de pintos — os nossos velhos pintos! Imaginem a desesperação d'elle; abraçou a mãe e a filha, e espalhou os pintos por cima da mesa. Depois, voltando-se para Joanna:

— É verdade, disse-lhe, trago-lhe este annel que lhe esqueceu no quarto no dia da jornada!

E entregou-lhe o annel que Joanna lhe dêra uma noite, na horta, sentados ambos no banco de pedra, com a promessa de sempre o amar. Joanna pegou-lhe, e voltou a cara para esconder as lagrimas. Não era o amor de José Mauricio que ella chorava, mas os seus sonhos, as suas esperanças.

— Ainda aqui não fica, disse Mauricio. A Maria recommendou-me muito que lhe levasse a mãe e a irmã; não me irei da cidade sem vocemecês. Lá tem dois quartos em Alemquer á sua espera. Vamos, menina Joanna, toca a resolver, é tempo de voltar para a terra. O ar do campo ha de pôl-a prompta. Plantei ao direito do muro as mais ricas roseiras, de proposito para embalsamarem a sua chegada.

Joanna disse que não; a mãe e eu instámos com ella, mas a cruel criança permaneceu inflexivel.

— Vá, disse á mãe; vá a mamã; dar-se-ha melhor com a Maria do que commigo. Eu fico; deve cumprir-se a minha sorte!

— Se ficares, fico eu; mas que será de nós, filha!

Nem lagrimas nem rogos, nem a desesperação de Mauricio tiveram poder sobre ella. O pobre rapaz partiu sósinho, e quando ia de retirada pediu-me licença para me dar um abraço: dei-lhe dois.

Que proveito se tiraria de prolongar esta historia? Um dia, fui encontrar Joanna de joelhos ao pé do leito de sua mãe; a pobre mulher expirára, depois de obrigar Joanna a jurar-lhe que ia voltar para a villa.

Partiu a moça com effeito mezes depois, quebrada de alma e de corpo. Ao chegar a Alemquer avistou de longe, á porta da estalagem, sua irmã Maria com uma criancinha ao collo, e José Mauricio ao lado d'ella sorrindo. Parou, e esteve contemplando durante instantes o quadro d'aquella felicidade doce e serena.

Não se enternecerani ao ler aquella passagem de

D. Quixote, em que o heroe da Mancha regressa a casa depois da sua primeira excursão? Entra desasado por uma carga de pau que levou, e pára no meio do pateo a olhar melancolicamente as flores, os legumes, os patos, mais a sobrinha e a criada que estão dando pontos n'umas meias, sentadas ao soalheiro. De um lado, a poesia que foi bater matto e volta derreada, custando-lhe a arrastar a aza; do outro a prosa, que se deixou ficar em casa, com os pés abafados, e que não deixou a felicidade... constipar-se!

JULIO CESAR MACHADO.

O CASTELLO DE GUIMARÃES

N'uma extremidade de Guimarães, entre o norte e léste, estendem-se por terreno accidentado umas fileiras de casinhas, tão velhas e humildes, que mais parecem uma pobre aldêa do sertão do que o bairro de uma cidade. Todavia, se a riqueza e as artes lhe recusaram absolutamente todos os titulos que pódem attrahir a attenção do viajante, concederam-lhe os seculos por nobreza brazão de alta antiguidade.

Esse bairro é a villa antiga, ou diremos melhor, a povoação que precedeu a villa hoje cidade de Guimarães. Refere o auctor da «Chorographia Portugueza», que tivera por fundadores os gallos-celtas 500 annos antes do nascimento de Jesus Christo. Preferimos comtudo dizer que a sua origem está escondida entre os mais reconditos mysterios do tempo.

Se as conjecturas em taes casos são boas, o que póde suppôr-se mais proximo da verdade é que serviu de nucleo á povoação uma torre ameiada, tambem de fundação duvidosa, mas que ha motivos para a crer obra dos romanos.

Passados muitos annos, governava parte do Minho e da Galliza, em nome dos reis de Leão, Hermenegildo, conde de Tuy e do Porto, casado com D. Mumadona, tia de D. Ramiro II de Leão.

Falleceu o conde deixando a condessa senhora de muitos bens, e de avultados rendimentos.

Logo que enviuvou resolveu D. Mumadona trocar os prazeres e vaidades do mundo pelas asperezas e penitencias do claustro; e para este fim edificou um mosteiro em uma quinta que possuia pouco distante da torre e da pequena povoação acima referidas (anno de 927).

Já n'outro logar tratámos do mosteiro, que ao principio foi *duplex*, isto é, de frades e freiras, vivendo em edificios separados, e só a egreja em commum; e que depois foi unicamente de monges benedictinos, sendo constituido ao diante o seu templo em collegiada com dignidades e conegos, consagrada a Nossa Senhora da Oliveira, e o mosteiro convertido em paços do dom prior. [1]

Achava-se a condessa recolhida com as suas freiras no mosteiro de Santa Maria, quando veiu uma triste nova lançar as servas do Senhor em sustos e crueis anciedades. Os moiros, capitaneados por um chefe audacioso, chamado El Mansur, faziam repetidas correrias por terras christãs, espalhando na passagem o terror, a assolação e a morte.

Era pois urgente prevenirem-se contra qualquer invasão dos infieis, tanto mais possivel, e para temer, quanto era certo que a fama apregoava por toda a parte a munificencia com que a fundadora dotára o templo de Santa Maria com mui preciosos vasos sagrados e riquissimas alfaias.

Porém o mosteiro era indefensavel. Construido simplesmente para casa de oração, nada mostrava que se parecesse com a mais minima feição de fortaleza, como se via em algumas edificações d'este genero, que a necessidade dos tempos fizera de construcção meio religiosa meio guerreira. Além d'isso estava em sitio quasi ermo, apenas povoado da pobreza que se ia acercando d'aquellas santas paredes para se valer da protecção caridosa da condessa.

Determinou por tanto D. Mumadona fundar um castello para defensa d'aquelles povos e do mosteiro, e, em casos extremos, para servir aos christãos de ultimo refugio.

A torre antiga, que se erguia nas visinhanças do mosteiro, alta, de excellente construcção, e com sua corôa de ameias, era de per si um valioso contingente para a obra que se projectava, além de ser a sua posição muito apropriada para assento de uma boa fortaleza, quer pela elevação do terreno, quer pelas rochas que ahi se lhe offereciam para base.

Começada a fabrica com o fervor de quem tinha abundancia de meios, e grande necessidade d'ella, não tardou muito a concluir-se, ficando um castello fortissimo, não pela grandeza da area que occupava, mas sim pelas grossas muralhas de cantaria, e pelas torres ameiadas, que a espaços as guarneciam. A torre antiga ficou solitaria no centro da fortaleza como torre de menagem.

Volveram-se os annos, passou-se quasi um seculo, e Portugal foi dado com titulo de condado por D. Affonso VI, rei de Castella e Leão, a D. Henrique de Borgonha, em dote de sua mulher, a rainha D. Thereza, filha d'aquelle monarcha.

A este tempo, as humildes choupanas, que tinham procurado abrigo á sombra do mosteiro da condessa Mumadona, haviam-se transformado em casas mais bem construidas, e estas tanto se tinham multiplicado, que já formavam uma grande povoação com o nome de Guimarães. Foi ahi que o conde D. Henrique e D. Theresa vieram estabelecer a sua corte, preferindo-a a Braga, cidade antiquissima, provavelmente em attenção á segurança que lhes offerecia o castello de D. Mumadona.

Procederam a alguns trabalhos de restauração da fortaleza, e edificaram n'ella uns paços para sua residencia.

Viveram n'estes paços a maior parte do tempo durante a constancia do matrimonio. N'elles nasceu e foi criado D. Affonso Henriques.

Depois da morte do conde D. Henrique, acontecida em 1114, continuou a ser Guimarães séde da corte de Portugal durante o governo da rainha D. Theresa, e no de seu filho, o infante D. Affonso Henriques, até este principe a transferir para Coimbra, onde o esperavam as honras da realeza.

Durante este periodo foi o castello de Guimarães theatro de importantes successos.

Primeiramente, os amores da rainha D. Theresa com o conde Fernando Peres de Trava, que alienaram da mãe o amor e obediencia do filho, e da soberana o respeito e lealdade dos vassallos, acabando por expulsal-a do governo e do paiz. Depois o cerco do castello pelas tropas leonezas, commandadas pelo proprio rei D. Affonso VII, e o acto de dedicação com que o fiel aio de Affonso Henriques, Egas Moniz, salvou o principe e a fortaleza de caírem em poder dos sitiadores, fazendo com que estes levantassem o cerco (1127). Mais tarde foi uma scena de rebeldia que ahi se passou, durante as funestas discordias do infante D. Affonso com el-rei D. Diniz, seu pae, vindo o infante com os mais vassallos rebellados pôr em estreito assedio o castello de Guimarães, que Mem Rodrigues de Vasconcellos corajosamente defendeu e conservou por el-rei (1323). D'ahi a quarenta e seis annos, na guerra que rebentou entre el-rei D. Fernando de Portugal e Henrique II de Castella, sustentou aquella fortaleza novo cerco, ficando victoriosa em todos os assaltos

[1] Vid. o artigo e gravura a pag. 353 do vol. IV.

que lhe deram os castelhanos, capitaneados por Henrique II em pessoa.

A invenção da polvora, mudando inteiramente a tactica da guerra, e fazendo tomar ás fortalezas novas fórmas, pôz termo aos fastos militares dos antigos castellos, que pela maior parte foram abandonados e expostos á acção destruidora do tempo, e ás devastações dos homens.

O castello de Guimarães, felizmente, não foi condemnado a esse abandono assolador. É um dos mais bem conservados que ha no reino.

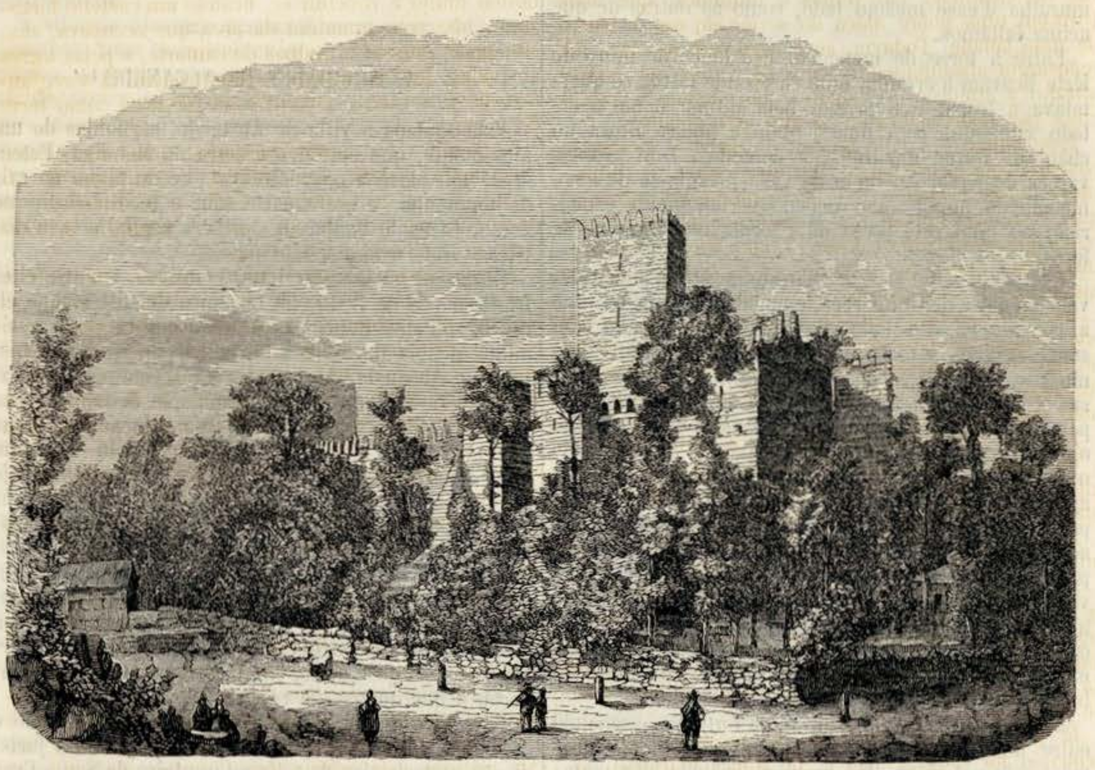
Depois de despojado das honras militares, ficou servindo por largos annos de cadeia publica da visinha villa; e quando o dispensaram d'este serviço, deixaram-lhe um guarda, que, residindo n'elle, e tendo cuidado em fechar a porta de noite, vela, até certo ponto, pela sua conservação.

Compõe-se o castello de sete torres quadrangulares, unidas por altas muralhas ameiadas, e da torre de menagem, muito mais elevada do que as outras. Duas das sete torres defendem a porta principal, que está voltada para o sul, e lhe apertam a passagem. Outras duas guardam a porta, que dava saída para o campo extra muros, e que olha para o norte. As tres que restam guarnecem as muralhas entre as duas portas, uma do lado de oeste, e duas da parte de léste.

Interiormente encosta-se á muralha uma escada de pedra, que conduz ao adarve, passeio que vae correndo em volta dos muros, junto ás ameias, com bastante largueza para os soldados d'ahi defenderem o castello.

As torres tem por corôas terrados orlados de ameias, para os quaes se sóbe por escadas de pedra, que, principiando nos adarves, vão encostadas ás paredes exteriores das mesmas torres.

O espaço que as muralhas deixam livre no interior



Castello de Guimarães

da fortaleza tem de comprimento obra de 52 metros, e 36 de largura, pouco mais ou menos.

No centro exactamente ergue-se a grande torre de menagem, tambem quadrangular e com sua corôa de ameias. Tem a porta de entrada no mesmo nivel do adarve da muralha fronteira, o qual servia de apoio á sua ponte levadiça. D'ahi para baixo não se vê na torre portas nem frestas; e d'alli para cima era dividida em tres pavimentos, apenas allumiados pela escassa luz que a furto se côa pelas estreitas e pequenas frestas abertas nas quatro paredes. Ao presente já não conserva a ponte levadiça, nem a distribuição de pavimentos, mas deixa ver o logar d'elles, assim como sobre a porta se divisam as aberturas a modo de oculos, por onde corriam as cadeias de ferro que suspendiam e baixavam a ponte.

Dizem os nossos antiquarios, que á entrada d'esta torre se via gravada em uma pedra a seguinte inscripção romana: *via maris*, caminho do mar; do que alguns dos mesmos escriptores pretenderam tirar a origem do nome Guimarães, por corrupção de *Vimaranes*. Outros porém querem, com melhor fundamento, que esse nome proveiu da *quinta de Vimaranes*, onde a condessa D. Mumadona fundou o seu mosteiro de Santa Maria. O nome da quinta consta de escripturas authenticas. Quanto á inscripção, se acaso existiu, gastou-a o tempo. Tendo nós visitado muitas vezes este castello não achámos vestigio algum d'ella.

Entre a torre de menagem e a muralha da cerca do lado de oéste avultam as ruinas do paço do conde D. Henrique, e da rainha D. Theresa. Occupava este paço todo o lado de oéste do castello, desde a torre visinha das duas que defendem a porta principal da fortaleza, até ás duas torres que estão de guarda á porta do norte. As paredes do palacio da parte de oéste e norte apoiam-se sobre as muralhas do castello, e conservam-se inteiras, mostrando perfeitamente a divisão das casas. As outras paredes do lado de léste e sul tinham por assento o mesmo solo em que se levanta a fortaleza, porém ambas estão quasi de todo aluidas.

Constava o paço de dois andares mui baixos e aca-

nhados. As janellas da frente de oéste, as quaes existem em bom estado, são pequenas, quadradas, e divididas ao meio por um pilar sextavado. Todas tem assentos de pedra. A verga é direita como a de todas as portas e frestas do castello, no que acharão os estudiosos uma proficua lição sobre a architectura na epocha da condessa Mumadona e do conde D. Henrique, isto é, nos seculos X e XI.

A maior sala d'esta parte do edificio tem duas janellas, collocadas nas extremidades, deixando entre si um comprido vão de parede, e tendo no centro de outra parede uma grande e tosca chaminé. As mais casas, que não eram muitas, apesar de terem as paredes demolidas, deixam bem ajuizar da sua pequenez. As duas torres com que o paço confinava tambem serviam de aposentos regios, mas cada uma apenas contém um quarto mui limitado. Actualmente entra-se para o paço pela torre do norte, depois de se ter subido grosseira escada de pedra, encostada á muralha d'esse mesmo lado, como as outras de que acima fallámos.

Entre a torre de menagem e o lanço de muro de léste ficavam a ermida, uma casa onde talvez se quartelava a tropa, e a prisão. Esta ultima é um apertado cubiculo, com uma janella a pouca altura do chão, de fórma quadrada, e defendida com grossos varões de ferro. No meio da casa levanta-se da terra metade de um grande rochedo perfeitamente espherico, ao qual está presa uma formidavel corrente de ferro.

Campéa o velho alcaçar sobre uma collina pouco elevada ao norte de Guimarães, e no ponto em que termina a cidade. Para o lado d'esta desce o terreno com suave declive, e todo assombrado de choupos, castanheiros, oliveiras, e annosos carvalhos, toldando com sua espessa e frondosa copa os caminhos que serpeam pela collina. No lado opposto é o pequeno oiteiro formado de grandes penedos, dispostos de modo como se a natureza quizesse fabricar com elles aprumada muralha. Prolonga-se com os penedos comprida fileira de castanheiros, tão altos e esguios que acompanham em toda a altura a parede do antigo paço; e desde a raiz dos rochedos trepam heras, que vão subindo e vestindo de manto de verdura o velho monumento, até lhe engrinaldarem as janellas, brincando d'ahi e prendendo-se á ramagem dos castanheiros, que ora as beija docemente impellida da brisa, ora as açoita agitada da tempestade.

É bello e grandioso o aspecto da fortaleza, erguendo entre massiços de verdores o vulto venerando, tostado pelo sol de tantos seculos, acatado por tantas gerações, honrado com tão gloriosas memorias, e enfeitado com tradições de cavallaria e de amores.

Mas se o castello assim se apresenta á vista com tantos encantos por qualquer parte que o contemplem, os panoramas que elle offerece ao viajante do alto das suas torres são taes, que não haverá talento, certamente, capaz de os descrever só com palavras.

Para o lado do sul, em logar mais baixo, estende-se a cidade de Guimarães, sobresaindo d'entre apertado cinto de viçoso arvoredo, que parece querer competir com as grimpas dos 16 campanarios dos templos da cidade. Em torno da povoação vê-se larga cercadura de prados verdejantes, orlados de carvalhos e castanheiros, pelos quaes trepam vides até lhes abraçarem os mais altos ramos. Seguem-se aos prados vecejantes collinas, nas quaes se encostam as bellas residencias dos srs. condes de Villa Pouca e de Arrochela, com seus jardins ornados de fontes e balaustradas, e dispostos em throno.

Olhando para o norte lá está o romantico mosteiro de Santa Marinha da Costa, outr'ora de monges de S. Jeronymo, tão graciosamente situado a meia altura de um monte todo coberto de espessos bosques. Mais para léste levanta-se a serra de Santa Catharina, com o seu diadema de agigantados penhascos formando uma formosa lapa, que serve de capella á santa que dá o nome á montanha; a qual é tão rica de vegetação que as arvores corpolentas, que a vestem de alto a baixo, escondem completamente os rochedos colossaes de que a serra está eriçada, e as torrentes que se quebram contra as fragas, e se precipitam nos algares.

Para o lado de oéste varia a paizagem. Collinas pouco elevadas, valles pouco profundos, por toda a parte verdores, aqui e alli espalhados muitos casaes e ermidas, apparecendo furtivamente por entre a ramagem das arvores, e tudo isto moldurado ao longe por extensa cordilheira de serras, erguidas em amphitheatro como ondas que umas após outras correm encapelladas contra a praia, constituem um painel não menos encantador do que os outros quadros.

I. de Vilhena Barbosa.

ANTIGUIDADES DE ALCANEDE [1]

Está sentada a villa de Alcanede nas faldas de um alto monte, que pertence á serra da Mendiga. Estende-se em parte a povoação por terreno plano na raiz da montanha, e outra parte sóbe e recosta-se-lhe no dorso. Dista de Santarem, que é a capital do seu districto, vinte e tantos kilometros.

Dizem os nossos escriptores antigos, e entre elles fr. Bernardo de Brito, na Chronica de Cister, que el-rei D. Affonso Henriques fundára em 1163, dezeseis annos depois da tomada de Santarem, a villa e castello de Alcanede. Ácerca, porém, d'esta opinião, faznos duvida o nome de *Alcanede*, que denuncia a sua origem arabe, como todos os mais do nosso idioma que principiam por *al*. Esta circunstancia dá algum motivo para se suppor que, em tempo dos moiros, já alli havia povoação ou castello, e talvez ambas as coisas, pois que, n'essas eras de continuada lucta, ou se erigiam fortalezas para defensa das povoações, ou estas se iam aninhar á sombra d'aquellas, em procura de abrigo e amparo. Além d'isso, aquelles auctores, ou por falta de noticias, ou por pouca clareza dos documentos, ou por não ligarem a menor importancia a taes pesquizas, muitas vezes tomam por fundação o que apenas foi reedificação.

Fosse, portanto, fundador ou reedificador, o que é certo é que el-rei D. Affonso Henriques deu a jurisdicção ecclesiastica da villa ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, e, reservando a secular para si, pôz no castello por alcaide-mór a Gonçalo de Sousa, um dos mais nobres e esforçados cavalleiros da sua corte.

Não disfructaram por muito tempo os conegos de Santa Cruz a doação do nosso primeiro rei. D. Sancho I, fazendo mercê da mesma villa e castello á ordem militar de S. Bento de Aviz, confirmou aquelles conegos na posse da jurisdicção ecclesiastica; porém, no anno de 1300, deu el-rei D. Diniz esta jurisdicção á dita ordem de Aviz, provavelmente por troca ou desistencia do dom prior de Santa Cruz.

A egreja matriz, dedicada a Nossa Senhora da Purificação, parece que data do reinado de D. Affonso Henriques, mas nada mostra no edificio que auctorise esta supposição. As reconstrucções ter-lhe-hão feito perder, sem duvida, os vestigios da sua antiguidade.

A villa é pequena e pobre. Situada em terrenos pouco ferteis, afastada dos grandes centros de industria, mas ainda mais separada d'elles pela falta absoluta de communicações faceis, não podia Alcanede

[1] Escrevemos este artigo a pedido de um assignante d'este jornal, que se mostra desejoso de informações ácerca da historia e antiguidades de Alcanede e de Minde. Procurando satisfazer agora á primeira parte do pedido, reservâmos a segunda para outra vez.

crescer nem pro:_erar desde que os progressos da civilisação estabeleceram condições essenciaes para o desenvolvimento das terras, além de quaesquer vantagens com que a natureza as dotára. Entretanto floreceu esta villa nos primeiros tempos da monarchia, pois que a vemos enviando procuradores ás cortes, o que só era concedido a povoações de certa importancia.

Não se sabe ao certo quem lhe deu o seu primeiro foral; mas de uma carta del-rei D. Affonso IV, que se guardava no cartorio d'esta villa, consta que já n'essa epocha o tinha. Porém el-rei D. Manuel deu-lhe novo foral aos 22 de dezembro de 1514.

Filippe IV de Castella, já depois de desapossado do dominio de Portugal, fez conde de Alcanede a D. Francisco de Alencastre, commendador-mór da ordem de Aviz, mercê que nunca foi reconhecida n'este reino. A villa e seu termo constituiam uma rendosa commenda da dita ordem, que os condes de Villa Nova desfructavam.

A villa de Alcanede apenas é notavel por duas antigualhas: uma usança singular, de que só restam memorias, e um monumento de antiguidade, que, apesar do correr de tantos seculos, e das convulsões do solo, ainda mostra importantes vestigios do que foi outr'ora.

Consistia a usança n'um jantar que a villa era obrigada a dar annualmente a el-rei. Era um verdadeiro tributo. Não sabemos quando, nem por quem foi lançado, mas deve-se presumir que o fosse por el-rei D. Affonso Henriques, ou por D. Sancho I, pois que, tendo feito doação este monarcha da villa e castello á ordem de Aviz, não é natural que os seus successores, em menoscabo dos direitos senhoriaes, lançassem um novo tributo áquella povoação.

O foral dado por el-rei D. Manuel estatue o seguinte a respeito d'aquella usança: *O jantar se pagará hi pelo pão, cevada, vinho, carne, e todas as outras cousas segundo pagão e está decrarado no tombo da Ordem e livro nosso da Caza da Supricação, sem embargo de se mostrar que alguma vez se pagou o dito jantar por cincoenta livras, porque não se achou outra razão nem direito para se deverem de pagar de outra maneira de como se hora paga, da paga do qual não seram escusas nenhumas pessoas por liberdade que tenham, nem privilegio, ainda que sejam clerigos.*

Em seu principio parece que o jantar era dado a el-rei nas diversas especies de productos agricolas. Depois foi pago em dinheiro na razão das taes cincoenta libras, acima alludidas; e no reinado de D. Manuel estava elevada esta quantia a noventa mil réis, somma muito avultada para esse tempo, em que o alqueire de trigo valia de 15 a 20 réis.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

MAUSOLEO DA RAINHA D. BEATRIZ

A rainha D. Beatriz foi filha de D. Sancho IV, o Bravo, rei de Castella, e da rainha D. Maria filha do infante D. Affonso, senhor de Molina, e neta de D. Affonso IX, rei de Leão.

Casou em Lisboa com el-rei D. Affonso IV, em 12 de setembro de 1309, de quem teve os seguintes filhos: D. Maria, que foi rainha de Castella, mulher del-rei D. Affonso XI; D. Affonso e D. Diniz, que morreram meninos, e jazem, o primeiro em S. Domingos de Santarem, e o segundo no mosteiro de Alcobaça; D. Pedro, que succedeu no throno com o nome de D. Pedro I; D. Isabel e D. João, que falleceram de tenra edade, e jazem em tumulos de pedra, aquella na egreja de Santa Clara de Coimbra, e este na de Odivellas; e D. Leonor, que foi mulher de D. Pedro IV, rei de Aragão.

Morrendo em Lisboa a 25 de outubro de 1359, foi sepultada D. Beatriz na sé, ao lado de seu esposo, que fallecêra na mesma cidade em 28 de maio de 1357, e escolhêra para seu jazigo a capella-mór da cathedral, que elle reedificára depois de um terremoto que a destruiu.

Estiveram os corpos dos dois conjuges em sepulturas razas até ao fim do seculo XIV, em que seu neto, el-rei D. João I, os trasladou para dois tumulos, que mandára fabricar com muita riqueza.

Estavam collocados estes mausoleos na dita capella-mór, do lado do evangelho. Eram de marmore branco todo lavrado em delicadas figuras, arabescos, e silvados, tendo, em baixo relevo, o martyrio de S. Vicente. Sobre as tampas estavam deitadas as estatuas del-rei e da rainha. Nos frisos tinham estes singelos epitaphios: o del-rei — *Alfonsus nomine quartus, ordine septimus Portugaliæ Rex;* — e o da rainha — *Beatrix Portugaliæ regina, Alfonsi quarti uxor.*

Na parede ao lado dos tumulos achavam-se dois paineis pintados a oleo, um representando a vinda a Lisboa da rainha de Castella, D. Maria, a pedir soccorro a D. Affonso IV, seu pae, contra os moiros de Granada, então em guerra com D. Affonso XI, seu marido. No outro quadro via-se a celebre batalha do Salado, ganha pelo esforço dos portuguezes, na qual pelejaram, de uma parte os dois monarchas de Portugal e de Castella, e da outra o rei moiro de Granada e o imperador de Marrocos.

Erguia-se sobre os tumulos e paineis um pavilhão ou docel de talha doirada, ao qual servia de remate a figura da fama com uma trombeta na mão. Esta trombeta, trophéo da victoria do Salado, foi o unico objecto que D. Affonso IV escolheu para si do riquissimo despojo que os moiros deixaram em poder dos vencedores.

Esteve primitivamente este tropheo pendurado na parede por cima da sepultura del-rei. Depois da trasladação do real cadaver, foi depositada a trombeta sobre o mausoleo, onde se conservou até ao reinado de D. João IV, em que se fez a obra do referido pavilhão, ordenada pelo conego da mesma sé, D. Diogo Lobo, como provedor das capellas e mercearias instituidas por D. Affonso IV e D. Beatriz.

O terremoto de 1755, e o incendio que se lhe seguiu, arruinaram a sé e fizeram em pedaços os tumulos.

Foi uma grande perda para as artes, porque esses dois monumentos, erigidos na epocha em que a esculptura em pedra attingiu n'este paiz o seu maior grau de perfeição, eram de um trabalho primoroso, segundo dizem alguns escriptores antigos, que d'elles fallam com encarecimento.

Como a ruina dos tumulos foi resultado mais do fogo, que estalou o marmore, do que do terremoto propriamente dito, ficaram incolumes os caixões que encerravam os corpos dos dois soberanos.

Começaram as obras da reedificação da sé em 1769, no reinado de D. José I. Em janeiro de 1779, reinando D. Maria I, foram aquelles reaes féretros tirados dos antigos tumulos, e depositados na capella de Nossa Senhora da Tocha, no claustro. Passados pouco mais de dois annos, foram novamente transferidos para a capella-mór do templo, já restaurado, e collocados com solemnidade dentro dos novos mausoleos.

São ambos magnificos, e tão similhantes, que apenas differem nos brazões de armas e emblemas. Estão collocados defronte um do outro, no vão de dois arcos, que, á maneira de capellas, se abrem no grosso da parede da capella-mór, o del-rei da parte do evangelho, e o da rainha da parte da epistola.

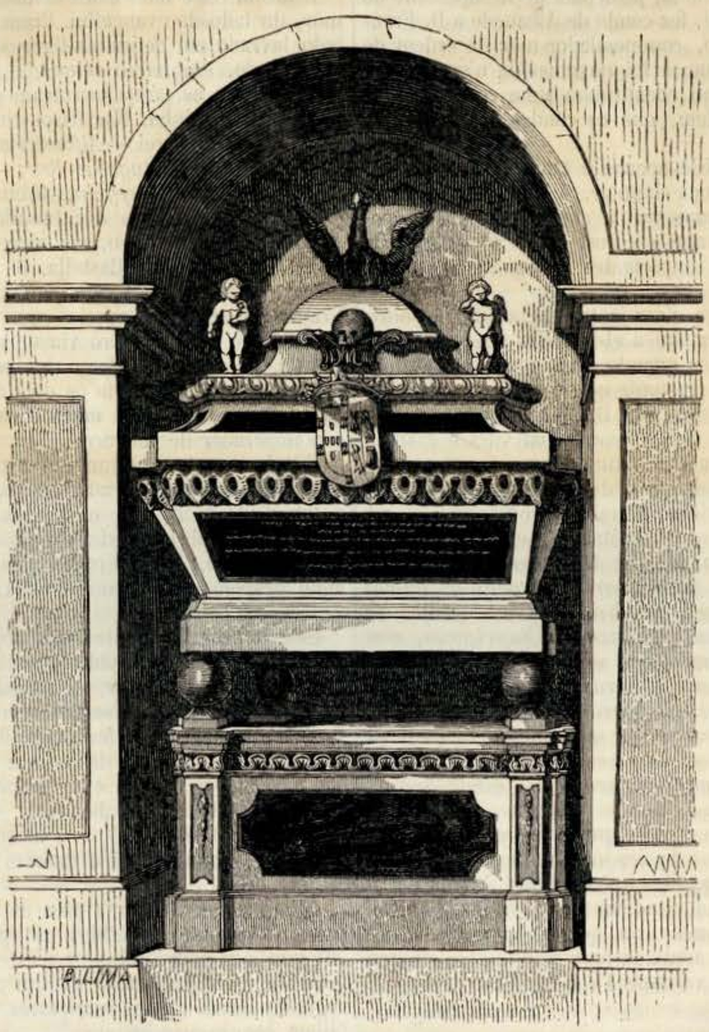
São construidos de marmore branco e preto, e decorados com bellas esculpturas na mesma pedra, e com ornatos de bronze cinzelados com perfeição. O desenho em geral dos monumentos é elegante e magestoso, e revela nos principaes adornos pensamentos cheios de expressão.

A cópia, que damos em gravura, do tumulo da rainha D. Beatriz, dispensa-nos da descripção minuciosa.

Os dois genios, que se vêem de pé sobre o friso, symbolisam a dor e a religião. Um, com o rosto triste e afflictivo, está derramando lagrimas. O outro, empunhando uma cruz na mão direita, e apontando com a esquerda para o sagrado emblema da redempção, olha para o seu companheiro com o semblante expressivo de quem aconselha ao dorido que procure na religião consolação e conforto.

No mesmo friso, entre os dois genios, está o brazão de armas da rainha, composto dos escudos de Portugal e de Castella.

As virtudes de D. Beatriz, que na verdade foram muitas e singulares, estão symbolisadas na fenix, renascendo das suas proprias cinzas, que serve de remate ao mausoleo. Esta obra é de bronze, bem como algumas outras decorações de menos vulto.



Mausoleo da rainha D. Beatriz

O epitaphio é em latim, e diz em vulgar: *Beatriz, rainha de Portugal, mulher de Affonso* IV, *falleceu a* 25 *de outubro de* 1359. *Destruido o primeiro tumulo pelo terremoto, foi transferida para aqui em* 1781.

O tumulo de D. Affonso IV é coroado por uma grande aguia no acto de desprender o vôo, com este mote: *Altiora peto*, allusivo ás empresas arrojadas do monarcha, principalmente á da batalha do Salado. A aguia é de bronze, e de bello desenho.

Na parte do tumulo, que fica superior ao escudo das armas reaes de Portugal, estão varios tropheos militares esculpidos em bronze.

O epitaphio é o antigo, que acima mencionamos, acrescentado com o seguinte: *Obiit* XXVIII *Maii* MCCCLVII. *Priori tumulo terremoto everso, huc translatus* MDCCLXXXI. Em vulgar diz assim toda a inscripção: *Affonso quarto de nome, e septimo na ordem dos reis de Portugal, falleceu a* 28 *de maio de* 1357. *Destruido pelo terremoto o primeiro tumulo, foi para aqui trasladado em* 1781.

Estes soberbos mausoleos estão agora visiveis, mas deixarão de o ser logo que se acabem as obras de restauração da sé, o que tardará pouco tempo. Depois ficarão inteiramente encobertos, o del-rei com o throno do cardeal patriarcha, e o da rainha com pannos de damasco, figurando parede, aos quaes encostam uma credencia.

É realmente muito para sentir, que sendo Lisboa tão pobre n'este genero de monumentos, assim estejam sempre occultos dois dos mais ricos que o reino possue.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio.